

Para Stephen, Barbara, Richard, Bebe, Judy,
Michael e Rachel

Título original: *The Quest for Excitement*
© 1985 by Norbert Elias and Eric Dunning
Todos os direitos para publicação desta obra reservados só para Portugal por:



Denominação Social — DIFEL 82 — Difusão Editorial, Lda.
Sede Social — Rua D. Estefânia, 46-B
1000 LISBOA
Capital Social — 60 000 000\$00 (sessenta milhões de escudos)
Telex: 33 76 77 - 54 38 39 - 352 23 10
Contribuinte n.º — 501378537
Matrícula n.º 3007 — Conservatória do Registo Comercial de Lisboa

Memória e Sociedade

Colecção coordenada por Francisco Bethencourt e Diogo Ramada Curto

Capa: *Emílio Tavora Vilar*
Revisão: *Maria Manuela Vieira e Ayala Monteiro*
Composição: *Maria Esther — Gab. Fotocomposição*
Impressão e acabamento: *Tipografia Guerra, Viseu 1992*
Depósito Legal n.º
ISBN 972-29-0203-2

Proibida a reprodução total ou parcial sem prévia autorização do Editor

CAPÍTULO IV

Ensaio sobre o desporto e a violência

Norbert Elias

1

Há alguns séculos, o termo *sport* era usado em Inglaterra, juntamente com a versão *disport*, para designar uma variedade de passatempos e divertimentos. Em *A Survey of London*, escrita no final do século XVII¹, temos conhecimento do «espectáculo realizado por cidadãos, para diversão* do jovem príncipe Ricardo», ou sobre o «divertimento** e passatempos que se costumavam realizar anualmente, primeiro na festa de Natal... Havia na casa dos reis... um "senhor da desordem", ou "mestre de joviais" desportos***...»². No decurso do tempo, o termo «desporto» passou a ser padronizado como um termo para formas específicas de recreação nas quais o esforço físico desempenhava o principal papel — formas específicas de um tipo de recreação que se desenvolveu primeiro em Inglaterra e que, a partir daí, se espalhou por todo o mundo. A propagação destas formas inglesas de ocupação de tempo livre ligar-se-ia ao facto de as sociedades onde as pessoas as adoptaram terem passado por mudanças estruturais semelhantes àquelas que a Inglaterra havia conhecido antes? Seria isso devido ao facto de a Inglaterra estar adiantada, relativamente aos outros países, quanto à «industrialização»? O caminho paralelo destes dois processos, a difusão a partir de Inglaterra de modelos de produção industrial, de

¹John Stow, *A Survey of London* (1956), publicado pela primeira vez em 1603 e reimpresso em Oxford, em 1908.

²Ibid., p. 96 e seguintes.

**Disport* (N. da T.)

***Sportis* (N. da T.)

****Merry disports* (N. da T.)

organização e de trabalho e a difusão das formas de ocupação de tempo livre do tipo conhecido como «desporto» e dos tipos de organização relacionados com ele é, certamente, notável. Como hipótese inicial, não parece despropositado supor que a transformação da forma segundo a qual as pessoas utilizavam o seu tempo livre seguiu de mão dada com a transformação da maneira segundo a qual trabalhavam. Mas quais eram as ligações?

Muita reflexão tem sido dedicada ao processo de industrialização e às suas condições. Falar de processo de «desportivização» pode produzir um efeito desagradável ao ouvido. O conceito soa de modo estranho. Apesar disso, ajusta-se bastante bem aos factos observados.

No decurso do século XIX — e, em alguns casos, mais cedo, na segunda metade do século XVIII —, com a Inglaterra considerada como um modelo, algumas actividades de lazer exigindo esforços físicos assumiram também noutros países as características estruturais de «desportos». O quadro das regras, incluindo aquelas que eram orientadas pelas ideias de «justiça», de igualdade de oportunidades de êxito para todos os participantes, tornou-se mais rígido. As regras passaram a ser mais rigorosas, mais explícitas e mais diferenciadas. A vigilância quanto ao cumprimento das regras tornou-se mais eficiente; por isso, passou a ser menos fácil fugir às punições devidas a violações das regras. Por outras palavras, sob a forma de «desportos», os confrontos de jogos envolvendo esforços musculares atingiram um nível de ordem e de autodisciplina nunca alcançados até aí. Além disso, sob a forma de «desportos», as competições integraram um conjunto de regras que asseguravam o equilíbrio entre a possível obtenção de uma elevada tensão na luta e uma razoável protecção contra os ferimentos físicos. A «desportivização», em resumo, possui o carácter de um impulso civilizatório comparável, na sua orientação global, à «curialização» dos guerreiros, onde as minuciosas regras de etiqueta representaram um papel significativo e do qual tratei num outro lugar³.

A tendência muito divulgada de explicar quase tudo aquilo que ocorreu no século XIX como o resultado da Revolução Industrial

faz com que as explicações sejam, assim, um pouco cautelosas. Sem dúvida que a industrialização e a urbanização desempenharam um papel no desenvolvimento e na difusão das formas de ocupação de tempo livre com as características de «desportos», mas também é possível que, tanto a industrialização como a desportivização, tenham sido sintomáticas de uma transformação mais profunda das sociedades europeias, que exigia dos seus membros individuais uma maior regularidade e diferenciação de comportamentos. O peso crescente e a maior diversidade das cadeias de interdependência podem ter tido alguma coisa a ver com isso. Este processo fundamenta a sua expressão na submissão tanto dos sentimentos das pessoas e das suas acções a um horário regulador minuciosamente diferenciado como na responsabilidade, a que era igualmente difícil de escapar, em termos de dinheiro. É possível pensar que as sociedades europeias, falando de uma maneira geral, sofreram, desde o século XV em diante, uma transformação que forçou os seus membros a uma lenta e crescente regularidade de conduta e de sensibilidade. A rápida aceitação do tipo de passatempos de desportos nos países continentais seria, talvez, um sinal da necessidade cada vez maior de actividades de recreação mais ordenadas, de maior regulamentação e menor violência física na sociedade em geral? Investigações futuras podem contribuir para dar uma resposta a estas questões. De momento, será suficiente esclarecer e ordenar algumas das questões que envolvem o desenvolvimento dos próprios desportos. No passado, o termo «desporto» foi usado com frequência, de modo indiscriminado, a propósito de tipos específicos de actividades de lazer modernas e, também, de actividades de lazer das sociedades num estágio anterior de desenvolvimento, da mesma maneira que, frequentemente, se refere a «indústria» moderna e, ao mesmo tempo, a «indústria» das pessoas da Idade da Pedra. Aquilo que afirmei chegará para realçar, com maior nitidez, o facto de o desporto ser algo relativamente recente e novo.

³Norbert Elias, *State Formation and Civilization*, 1982, p. 258 e seguintes. «Feudalização» é um exemplo de um impulso na direcção oposta.

Se alguém começar a investigar, recuando no tempo, partindo desta breve visão da propagação do movimento dos desportos no exterior de Inglaterra para o precedente desenvolvimento do des-

porto na própria Inglaterra, terá de pensar qual será a melhor forma de prosseguir. Como é que se encontram provas seguras sobre processos de crescimento — sobre o desenvolvimento dos jogos e outras actividades de lazer, até à forma a que se aplica o termo «desporto»? Quantos destes desenvolvimentos, pode pensar-se, ficaram sem registo. Será que existem dados suficientes para a reconstrução dos processos em que alguns passatempos adquiriram as características de desportos e nos quais cada desporto, por sua vez, adquiriu as suas próprias características distintivas?

Não são tanto as provas que faltam. Mas ao procurá-las é-se, frequentemente, impedido de prestar atenção a semelhante prova, tal como ela é, devido a preconceitos sobre escrever história, em geral, e sobre escrever a história dos desportos, em particular. Deste modo, ao estudar o desenvolvimento de um desporto, muitas vezes é-se conduzido pelo desejo de lhe estabelecer uma longa e respeitável ascendência. E, neste caso, fica-se em condições de seleccionar, como relevantes para a sua história, todos os dados acerca de jogos praticados no passado que apresentem alguma semelhança com a forma actual do desporto particular cuja história se está a escrever. Se alguém encontra numa crónica do século XII a referência de que, já nesse tempo, os rapazes de Londres iam, em certos dias, para os campos, jogar com uma bola, inclina-se a concluir que esses jovens já então estavam a jogar o mesmo jogo que, sob o nome de futebol, passou a ser um dos maiores jogos de Inglaterra e que, sob essa forma, se tem propagado por todo o mundo⁴. Mas tratar desta maneira as actividades de lazer de um passado bastante distante, como sendo mais ou menos idênticas às do seu próprio tempo — o «futebol» do século XII com o futebol do passado século XIX e século XX —, impede que sejam colocadas no centro da investigação as seguintes perguntas: de que maneira e porque é que jogar com uma grande bola de couro se desenvolveu para esta

forma particular? Impede que se pergunte como e porque é que se desenvolveram regras e convenções particulares que determinam agora a conduta dos jogadores quando efectuam o jogo e sem as quais o jogo não seria «futebol» no nosso sentido da palavra. Ou de que maneira e porque é que se desenvolveram as formas particulares de organização, que possibilitam a estrutura mais imediata para o desenvolvimento de tais regras e sem a qual elas não se poderiam manter e controlar.

A respeito de todas estas questões, o treino, o estudo e a observação a que aplicamos agora o termo «sociológico» dirigem a atenção para problemas e, por consequência, para a demonstração, a qual nem sempre é considerada como possuindo a relevância fundamental dentro da tradição dominante do escrever história. A história dos sociólogos não é história dos historiadores. Prestar atenção às regras e normas que governam o comportamento humano, num dado tempo, e às organizações no interior das quais essas regras são mantidas e a sua observância controlada passou a ser um trabalho bastante comum das investigações sociológicas.

Aquilo que é ainda muito invulgar no presente é a atenção a regras e normas em desenvolvimento. O problema do como e do porquê regras e normas se tornaram naquilo que elas são num dado momento não é explorado, com frequência, de maneira sistemática. Além disso, sem a investigação de tais processos, uma dimensão completa da realidade social permanece fora de alcance. O estudo sociológico dos jogos-desporto, para além do seu interesse intrínseco, desempenha também a função de um projecto-piloto. Encontram-se aqui, num campo que é relativamente limitado e acessível, problemas de um tipo que muitas vezes surge noutras áreas maiores, mais complexas e menos acessíveis. Os estudos sobre o desenvolvimento dos desportos proporcionam experiências de várias formas e, por vezes, conduzem a modelos teóricos que podem contribuir para investigação dessas áreas. O problema do como e do porquê se desenvolveram regras é um exemplo. O estudo estático das regras ou normas, como algo definitivamente adquirido, conduziu com frequência, no passado, e continua a conduzir hoje, a um quadro equívoco e, de algum modo, irrealista da sociedade.

Se fossem testadas as teorias correntes da sociedade, descobrir-se-iam fortes tendências para considerar normas e regras — na

⁴É assim que Geoffrey Green, na sua *History of the Football Association* (Londres, 1953, p. 7), faz a referência ao «famoso jogo de bola» (*Undum pilae celestem*) de William Fitzstephen, no seu panegírico *Descriptio Nobilissimae Civitatis Londinae* (1175, citado em Stow, *A Survey of London*) como demonstração do facto de que o futebol era jogado pelos jovens de Londres no século XII. Embora mais prudente, Morris Marples, na sua *A History of Football* (Londres, 1954, pp. 19-21), conclui que «existe uma boa razão para pensar que Fitzstephen está realmente a referir-se ao futebol».

herança de Durkheim — quase como se elas possuíssem uma existência independente das pessoas. Fala-se, com frequência, de normas ou regras como se elas fossem dados, que resultassem por si próprios, para a integração de pessoas individuais na forma de sociedades e para o tipo particular de integração, para o padrão de sociedades. Em resumo, há muitas vezes a impressão de que as normas ou regras, como as ideias de Platão, possuem uma existência própria, que existem, de alguma maneira, em si mesmas e constituíssem, por esse motivo, o ponto de partida para reflexões sobre a maneira através da qual as pessoas constituem as sociedades.

Se alguém investigar sobre o modo de desenvolvimento das regras e normas, ficará mais bem habilitado para ver que a abordagem durkheimiana, que explica a coesão, a interdependência e a integração de seres humanos e de grupos em termos das regras e das normas a que obedecem, continua a revelar uma forte orientação nominalista. Ela própria conduz a uma concepção equívoca sobre a natureza da sociedade que está agora bastante divulgada. Nesta linha, a nítida distinção de valor feita a propósito de formas de conduta e de agrupamentos humanos que se desenvolvem de acordo com as normas estabelecidas, e de outras que tomam o sentido oposto, é considerada desvirtuada de atitude crítica no aparelho conceptual daqueles cujo trabalho consiste em estudar e, tanto quanto possível, explicar os problemas da sociedade. Estudos sociológicos dirigidos para a explicação da relação dos factos na sociedade, seriam frustrados se os classificassem dessa maneira, porque, em termos de explicação, as relações dos factos que se ajustam às normas estabelecidas e as dos outros que se desviam delas — «integração» e «desintegração», «ordem social» e «desordem social» — são interdependentes e constituem exactamente o mesmo tipo de factos⁵.

Se alguém investigar sobre os processos de desenvolvimento das normas e regras, a interdependência factual de «ordem» e «desordem», de «função» e «dissfunção», torna-se nítida, de forma notável. Porque, no decurso de tal processo, pode ver-se muitas vezes como regras e normas específicas são estabelecidas pelos seres humanos de modo a resolver formas específicas de mau funciona-

⁵Para um aprofundamento desta questão, ver Norbert Elias, *What is Sociology?*, Londres, 1978, pp. 75-6.

mento e como este, por seu lado, conduz a outras alterações nas normas, nos códigos de regras que governam a conduta das pessoas em grupos.

É possível verificar, também, com grande nitidez, o carácter ilusório de qualquer concepção da sociedade que sugere que regras ou normas possuem um poder próprio, como se fossem algo exterior e separado dos grupos de pessoas, e pudessem servir, enquanto tal, como uma explicação para o modo como as pessoas se reúnem em sociedades. O estudo do desenvolvimento dos «jogos-desporto»⁶ e, neste âmbito, o desenvolvimento das suas regras permitem-nos explorar, dentro de um campo que, comparativamente, se apresenta possível, a técnica da pesquisa sociológica para a qual utilizo, como denominação mais adequada, a análise e síntese «configuracionais» e para demonstrar qual é o modo como penso que estas devem ser utilizadas. Em particular, um estudo com estas características revela, com muita clareza, um dos factos básicos da estrutura das sociedades em geral, nomeadamente, o de que — em face de condições não humanas inalteráveis — as normas específicas no interior das quais as pessoas se reúnem só podem ser explicadas em termos de outras formas específicas de reunião. No estádio actual, continua a soar de forma bastante estranha a afirmação de que aquilo que se estuda como «padrões sociais», «estruturas sociais» e «configurações» são padrões, estruturas e configurações formadas por seres humanos. Costumes linguísticos e hábitos de pensamento levam-nos a falar e a pensar tais padrões como se eles fossem algo exterior e separado das pessoas que os formam.

Muitos termos sociológicos padronizados atingiram, é certo, um elevado grau de aplicabilidade em relação a estruturas observáveis. Entre eles encontra-se o próprio termo de «estrutura». E, contudo, tenho algumas reservas a respeito de expressões padronizadas como estas que utilizamos quando afirmamos que uma sociedade ou um grupo tem uma estrutura. Pode interpretar-se, facilmente, esta maneira de falar como se traduzisse o facto de o grupo ser alguma coisa separada das pessoas que o constituem. Aquilo a que chamamos «estrutura» não é, de facto, senão o padrão ou a

⁶Nem todos os jogos são «desportos» e nem todos os desportos são «jogos». O termo «jogos-desporto» refere-se àqueles — futebol, rãguebi, ténis, críquete, golfe, etc. — a que ambos os termos se aplicam.

configuração de pessoas individuais interdependentes que constituem o grupo ou, num sentido mais vasto, a sociedade. Aquilo que designamos pelo termo de «estruturas» quando consideramos quando as encaramos como indivíduos.

As configurações constituem, no estudo dos desportos, o fulcro da investigação. O desporto — qualquer que seja — é uma realidade de grupo organizada, centrada num confronto entre, pelo menos, duas partes. Exige um certo tipo de esforço físico. Realiza-se de acordo com regras conhecidas, que definem os limites da violência que são autorizadas, incluindo aquelas que definem a força física que se pode aplicar. As regras determinam a configuração inicial dos jogadores e dos seus padrões dinâmicos de acordo com o desenrolar da prova. Mas todos os tipos de desportos têm funções específicas para os participantes, para os espectadores ou para os respectivos países em geral. Quando a forma de um desporto fracassa na execução adequada destas funções, as regras podem ser modificadas.

Os desportos variam segundo as suas regras e, por esse motivo, as diferentes modalidades de prática ou, por outras palavras, as diferentes configurações dos indivíduos envolvidos, como está determinado nas respectivas regulamentações e organizações que determinam o seu cumprimento. O problema é, evidentemente, saber o que distingue o tipo inglês de «jogar o jogo» — o tipo de jogos disputados, de regras e de organização — o tipo de jogos se constituíram? Como é que se desenvolvem, no decurso do tempo, o carácter distintivo das regras, das organizações, das relações dos grupos de jogadores, no quadro da acção peculiar dos «desportos»? Como é evidente, este foi um dos processos no decurso dos quais se desenvolveram, durante muitas gerações, estruturas específicas de relações de grupos e de actividades por meio da conjugação dos dos participantes, indivíduos ou grupos tivessem a intenção ou planeassem a longo termo o resultado da sua acção. Nestas condições, o exame da emergência dos desportos como um problema meramente histórico não se trata de uma questão sem importância. Nos livros de história, a história dos desportos é apresentada, com frequência, como séries de actividades e decisões quase acidentais de

CAPÍTULO IV

algumas pessoas. Aquilo que parece conduzir à forma «final», à forma «amadurecida» do jogo, é colocado em evidência. O que é diferente ou oposto ao padrão «derradeiro» é muitas vezes abandonado na sombra, como irrelevante. Como se verá, o crescimento adequado, se for encarado antes, como um emaranhado fortuito de actividades e de decisões de alguns indivíduos ou grupos fortuito de o que sugerem as teorias sociológicas correntes, de acordo com «mudanças sociais». Alterações que se podem observar no desenvolvimento de desportos como o críquete e o futebol, assim como a caça à raposa e as corridas de cavalos, possuem não só um padrão mas uma direcção próprias. Este é o aspecto da história dos desportos salientado por quem se refere a ela como um «desenvolvimento filológico ou metafísico. O que se entende por desenvolvimento social só pode ser alcançado com a contribuição de estudos empíricos minuciosos. Só pode descobrir-se, neste contexto específico, se alguém investigar sobre a maneira como a caça à raposa, o boxe, o críquete, o futebol e outros desportos se «desenvolveram» de facto. Utilizei, provisoriamente, e em citações, a expressão «amadurecida» ou «derradeira» do jogo. Uma das descobertas feitas no decurso de investigações deste tipo foi a de que um jogo pode atingir, no decurso do seu desenvolvimento, um estado de equilíbrio peculiar. E quando este estado foi alcançado, a estrutura global do seu desenvolvimento anterior modificou-se, a estrutura de ter atingido a sua forma «amadurecida», ou aquilo que o facto pretendia chamar, não significa que todo o desenvolvimento terminou; significa, apenas, que este encerrou um novo estágio. Contudo, nem a existência deste, nem as suas características, nem, sequer, o significado global do seu desenvolvimento social podem ser determinados de qualquer outra maneira, excepto por meio de determinar o que se procura a prova. Por outro lado, o conhecimento preliminar do que se procura ao estudar a história de um desporto não é meramente a actividade isolada de indivíduos ou grupos, nem apenas um número de mudanças não padronizadas, mas uma sequência padronizada de alterações na organização, nas regras e na configuração actual do próprio jogo, o qual se orienta, durante um certo período, em direcção a um estado específico de equilíbrio de

tensão que, provisoriamente, foi aqui designado por «estádio amadurecido» e cuja natureza tem ainda de ser determinada. Este mesmo conhecimento, utilizado com flexibilidade e, sempre, com a possibilidade da sua insuficiência no pensamento, pode orientar a selecção de dados e contribuir para a compreensão das relações.

3

Como afirmámos, um desporto, seja ele qual for, é uma actividade organizada, centrada num confronto entre, pelo menos, duas partes. Exige esforços físicos de certo tipo e é disputado de acordo com regras conhecidas, incluindo, onde se revelar apropriado, regras que definem os limites autorizados de força física. O grupo de participantes é organizado de tal maneira que em cada encontro ocorre um padrão específico de dinâmica de grupo — um padrão que é flexível, umas vezes mais, outras vezes menos, e, por isso, variável e, de preferência, não inteiramente previsível no seu curso e nos seus resultados. A configuração das pessoas em semelhante confronto encontra-se de tal modo planeada que não só facilita as tensões como, também, as restringe. Na forma amadurecida, integra um complexo de polaridades interdependentes, num estado de equilíbrio de tensão instável, e permite — na melhor das hipóteses — moderar as variáveis que oferecem a todos os contendores oportunidades para levar a melhor, até que um deles consiga desfazer o equilíbrio vencendo o jogo. Uma das características de um jogo-desporto no seu estado amadurecido é o facto de o período de tensão não ser nem demasiado breve, nem demasiado longo. Como os bons vinhos, a maioria dos desportos necessita de muito tempo para evoluir até esta forma, para crescer até à maturidade e encontrar a forma óptima. É raro — embora tenha acontecido — inventar-se um jogo-desporto satisfatório⁷. Em geral, passaram por um período de ensaio e erro antes de atingirem uma forma que garante suficiente tensão por tempo satisfatório sem favorecer tendências no sentido do empate. Vitórias precipitadas e repetidos empates podem verificar-se por uma variedade de razões, algumas das

quais, mas não todas, podem situar-se na construção do jogo-padrão, da configuração e das suas próprias dinâmicas. A necessária tensão da configuração estará ausente se um dos adversários se revelar excessivamente superior ao outro em força e técnica, porquenesse casos o jogo depressa termina na derrota do lado mais fraco. Se os adversários estiverem demasiado equilibrados em força e em habilidade, o confronto pode arrastar-se. Neste caso, é provável que termine num empate e que a tensão-excitação não seja capaz de atingir a tempo a sua libertação no clímax da vitória. Nestes casos, é a configuração temporária dos jogadores, não a configuração mais duradoura estabelecida pelo próprio jogo-padrão instituído, que é responsável por imperfeições no complexo de equilíbrio de tensão característico dos jogos-desporto. Noutros casos, as tendências no sentido de uma vitória precipitada ou de um empate são devidas à configuração instituída pelos jogadores no próprio jogo. No desenvolvimento de um jogo-desporto, pode encontrar-se, com frequência, um período durante o qual as disposições favorecem os atacantes em detrimento dos defesas ou vice-versa. No primeiro caso, os atacantes podem vencer todos os jogos, e demasiado depressa. O batedor médio do *wicket** introduziu-se no críquete, como se sabe, quando os jogadores desenvolveram uma técnica que atingia a bola com grande frequência e, segundo parece, com demasiada facilidade⁸. No segundo caso, os jogos terminavam muitas vezes em empate⁹. Assim, a proporção de equilíbrio de tensão e das dinâmicas da configuração num jogo-desporto depende, entre outras, de disposições que garantam aos concorrentes, não só quando atacam como quando defendem, oportunidades iguais de vitória e de derrota. Mas estas não são as únicas polaridades de que depende o

⁷A questão aqui sublinhada não é delimitada pelo facto de que tanto *batsman* [jogador que, no críquete defende com um bastão, a que se dá o nome de *bat*, (N. da T.)] como *bowler* [O lançador: (N. da T.)] no críquete e jogos comparáveis, alcemarem defesa e ataque, situações que dependem, por exemplo, do decurso do jogo e do estádio que nele foi atingido.

⁸Um exemplo disso é a mudança na lei de «fora de jogo» introduzida no futebol, no ano de 1923. Para uma discussão sobre esta mudança, ver o Cap. VI deste volume.

**Wicket* é um grupo de três pequenos paus verticais, ligados por barras horizontais, que se designam por *bails*, defendido por um jogador — o *batsman*, (N. da T.)

⁷O basquetebol, que, na sua forma inicial, foi inventado pelo Dr. James Naismith de Springfield, Massachusetts, é um exemplo de semelhante jogo.

equilíbrio de tensão do jogo. Se os jogadores não se controlarem a si próprios o suficiente, estão provavelmente a infringir as regras e a vitória pode desviar-se para os seus oponentes. Se se restringirem de mais, faltar-lhes-á o vigor e a energia necessários para a vitória. No caso de seguirem as regras como escravos, arriscam-se a perder por falta de imaginação, pelo contrário, se se esquivam ou se perdem até ao extremo, arriscam-se a perder por infração das regras. Precisam de encontrar a forma intermédia entre a obediência zelosa às regras e convergões e a dissimulação e exploração das regras ao limite, jogando próximo da ruptura. Se, pelo grande prazer de um jogo e de um desporto, não explorarem cada oportunidade de vencer, podem perder a hipótese da vitória; o próprio jogo pode deteriorar-se.

Nos estádios anteriores de desenvolvimento dos jogos-desporto, quando grupos locais, relativamente pequenos, de jogadores ou seus protectores faziam as suas próprias regras, era de certa maneira fácil a alteração das mesmas para servir as necessidades dos jogadores e do seu público. Mas, quando organizações nacionais se tornaram as donatárias das leis, a polaridade entre a tendência dos jogadores para seguir as regras e para as iludir ou explorar ao máximo tinha a sua contrapartida, a um outro nível, na polaridade entre dois grupos diferentes, por um lado, entre aqueles que fazem as regras na cúpula de uma organização nacional e, por outro, os próprios jogadores. Os primeiros legislavam considerando a situação global do jogo e as suas relações com o público em geral; os últimos, com frequência afastados do centro do poder, e no interesse das suas próprias oportunidades de vencer jogos, utilizavam a flexibilidade de todas as regras verbais, inventando processos de fugirem às malhas das leis e iludindo as intenções dos que as elaboravam.

O desequilíbrio em uma ou outra destas polaridades é um factor do desenvolvimento dos jogos-desporto no sentido de maior equilíbrio de tensão. Pelo menos, três níveis desempenham um papel na dinâmica deste processo: jogos realizados, num dado período, por indivíduos que se podem identificar; o conjunto de jogos-padrão de acordo com os quais um jogo é praticado de determinado estádio de desenvolvimento, juntamente com a organização (ou organizações) que o controlam; e o processo de desenvolver o jogo-padrão durante todo o tempo da existência do jogo.

CAPÍTULO IV

235

A dinâmica do jogo individual, a dinâmica própria do jogo-padrão, num dado momento, e a dinâmica de longo termo de um processo formativo do jogo até à sua maturidade, e depois de a maioridade ter sido atingida, formam um padrão complexo. Sob o ponto de vista conceptual, estes níveis podem distinguir-se, embora, de facto, sejam inseparáveis. Mas, para efeitos de observação e estudo, é habitual investigar-se no sentido de saber se as mudanças são devidas àquilo que se sente serem as deficiências do próprio jogo-padrão, num tempo em que as condições para realizar o jogo na sociedade em geral permaneciam em grande medida inalteradas, ou se as mudanças no jogo-padrão são devidas a deficiências sentidas, provenientes, em grande medida, de condições de mudança do jogo particular quando atingiu a maturidade, um jogo-desporto, em autonomia em relação à estrutura da sociedade onde é jogado; por isso, as razões para as mudanças podem estar no próprio jogo-padrão. Mas a autonomia é limitada. O desenvolvimento do desporto em geral, bem como o de desportos particulares, pode ser considerado como uma ramificação do desenvolvimento das sociedades onde são jogados e como são jogados, cada vez mais, a nível internacional, no desenvolvimento da sociedade mundial.

Nestas observações preliminares, já dissemos o bastante para assinalar a complexidade das características básicas da configuração dos jogos-desporto. Todos eles — ténis, futebol, boxe, hóquei e muitas outras formas de desporto, incluindo a forma inglesa de caça — apresentam características similares em certos aspectos. A análise, na perspectiva da configuração, contribui para tornar mais penetrante a percepção de tais características e para tornar mais as suas propriedades distintivas com maior precisão. A partir destas considerações preliminares, podem ver-se algumas das características distintivas do desporto numa perspectiva mais correcta. A peça fulcral da configuração de um grupo envolvido no desporto produzidas controladas, e, no final, com a catarse, a libertação de tensão. De acordo com a tradição dominante de pensar e de sentir, as tensões enquanto fenómeno social consideram-se alguma coisa que actua em oposição às normas — como anormal, nocivo e indesejável. A análise configuracional do desporto mostra que as tensões de grupo de tipo equilibrado são um ingrediente central de todas

as actividades de lazer. Um desporto é uma forma organizada de tensio em grupo, mesmo que aquele que a procura, num dado momento, possa ser um grupo de dois elementos. «Equilíbrio de tensio» é um termo introduzido de modo a expressar a ideia de que a configuração de base de um desporto é designada quer para produzir quer para moderar tensões. As técnicas para manter uma configuração de um grupo de indivíduos num equilíbrio de forças em tensio por um certo tempo, com uma elevada oportunidade de caçar ou de libertação da tensio, continua por estudar. Sejam quais forem estas técnicas, a configuração em acção está equilibrada entre a vitória precipitada de Cila e o empate de Garibdis.

Estas e outras características básicas não foram, evidentemente, planeadas. Nem foi sequer o objectivo expresso, e claramente conceptualizado de grupos específicos, designar como actividades de lazer configurações dinâmicas de indivíduos com estas características. Muitos passatempos em Inglaterra, na maioria durante o século XVIII e XIX, desenvolveram-se nesta direcção deste modo, sem planeamento e em grande parte inesperadamente. A tarefa dos sociólogos, como é evidente, é traçar, de uma forma geral, um quadro claro da dinâmica de grupo específica do jogo-padrão, das configurações de indivíduos características do desporto e, então, tanto quanto possível, ver, com a maior minúcia, como passatempos específicos desenvolveram gradualmente as características distintas de desporto a partir de um estado no qual estavam ausentes e, por fim, determinar as características específicas no desenvolvimento de um país, da sociedade em geral, que são responsáveis pelo desenvolvimento de passatempos nesta direcção.

Esta, pelo menos, é a tarefa a longo termo. Aquilo que se segue são alguns passos no sentido desse caminho.

Um dos primeiros passatempos com as características distintas de um desporto foi a forma inglesa de caça à raposa. No nosso próprio tempo, qualquer tipo de caça é considerado, por muitas pessoas, quanto muito, como uma forma marginal de desporto. No século XVIII e inícios de século XIX, a caça à raposa foi decididamente um dos principais passatempos a que o termo «desporto» se aplicou. Pode compreender-se melhor o que se entende por «desporto» se estudarmos o carácter peculiar deste tipo de caça. Estava bastante longe das formas de caçar mais simples, menos regulamentadas e mais espontâneas de outros países e dos tempos passa-

dos, em que as próprias pessoas eram os actores principais, onde os cães de caça eram meros auxiliares e em que as raposas não eram os únicos animais caçados.

Em Inglaterra, a caça à raposa tornou-se um passatempo altamente especializado, com uma organização e convenções próprias. Enquanto caçavam a raposa, os cavalheiros refeitavam-se estritamente de perseguir e de matar quaisquer outros animais que encontrassem no seu caminho¹⁰ — para espanto de espectadores estrangeiros, que eram incapazes de compreender as razões desta restrição. Mesmo os cavalheiros caçadores de Inglaterra, seguros do conhecimento e do prazer dos seus costumes, eram, na maioria, incapazes, ou tinham relutância, de explicar os seus rituais de caça. Partir atrás de uma raposa, e não considerar qualquer outro animal que passasse no seu caminho, mesmo que pudesse servir como a mais apetecida delícia na mesa de alguém, fazia parte do seu código social. Um cavalleiro não partia para a caça com o fim de trazer para casa coisas boas para a mesa. Fazia isso por desporto. Com razoável divertimento, contavam uns aos outros histórias que demonstravam a falta de compreensão dos estrangeiros pela caça à raposa, em

¹⁰Com frequência, não se compreende o quanto se desenvolveram lentamente as instituições sociais e a estrutura da personalidade de indivíduos até um estádio em que é norma, em todos os estratos sociais, uma pessoa adulta ser capaz de perseguir uma actividade especializada com um único espírito e sem ser distraída por outros fins, talvez momentaneamente mais atraentes. O facto de o ritual da caça à raposa exigir semelhante determinação de espírito e a correspondente autodisciplina, na perseguição da raposa, é um exemplo.

Recordo-me de outro. Poderá contribuir para a compreensão do facto de que a concentração da atenção e do comportamento num único objectivo durante horas, dias, anos, no final dos quais — não totalmente sem conflito próprio — pode agora ser considerada, em muitos países, como uma conquista de pessoas de todas as classes, é alguma coisa que se desenvolveu lentamente no decurso do tempo. Isso podia ser muito menos certo nos primeiros estádios. Deste modo, o código disciplinar aprovado pelo conde de Leicester, para uso das tropas em serviço sob as suas ordens na Holanda, em 1585, ordenava, no artigo 48, que os soldados em marcha numa coluna ao longo dos campos não deviam começar a disparar, e, presumivelmente, a perturbar toda a coluna, se por acaso encontrassem uma lebre ou qualquer outro animal no caminho (ver C. J. Cruikshank, *Elizabeth's Army*, Oxford, 1966, p. 161). O código completo é esclarecedor. Pode servir como uma lembrança do modo como poucas formas de condução e de sensibilidade, que, no presente, podiam parecer simplesmente evidentes ou racionais, podem considerar-se assurgidas.

particular, a dos Franceses. Havia uma história do *chasseur** francês que presenciou uma caçada à raposa em Inglaterra e manifestou tanta surpresa como desilusão quando observou alguns jovens cães estavam quase a agarrar; ou a história de outro cavalheiro francês, que ouviu um inglês exclamar durante uma caçada: «Que mirável! O desporto que a raposa proporcionou nesta encantadora corrida de duas horas e um quarto». Repliquou: «*Ma foi***, deve valer a pena apanhá-la depois de tanto trabalho. *Est-il bon pour un friandeur?****»,¹¹

Em tempos passados, a agradável excitação da caça foi uma espécie de prazer experimentado em antecipação dos prazeres reais, encarecido pela sua utilidade. Muitos dos animais caçados ameaçavam o fruto do trabalho das pessoas. Na maior parte do século XVIII, animais selvagens, e entre eles raposas, continuavam a ser abundantes em grande número dos países. A caça era necessária a fim de os reduzir. As raposas, em particular, eram uma ameaça constante aos recintos de aves de capoeira, de gansos e patos das camponeses e da pequena nobreza. No campo, elas competiam com os caçadores furtivos de lebres. Noutros tempos, permitia-se aos cães de caça a perseguição de veados, lebres, matras e raposas, de modo indiscriminado. Os campos e as florestas encontravam-se repletos deles e todos eram considerados como daninhos. Também pobres inclinavam-se menos a desperdiçar a carne da raposa, porque esta tinha um gosto bastante activo. «A carne da raposa», de acordo com uma fonte francesa, «é menos desagradável do que a do lobo. Os cães, bem como os homens, comem-na no Outono, especialmente se a raposa se alimentou e engordou com uvas.»¹² Deste modo, as formas anteriores de caça impuseram aos seus

¹¹Blaine, *Encyclopedia of Rural Sports*, Londres, 1852, p. 89.
¹²Citado em Peter Beckford, *Thougths on Hare and Foxhunting*, Londres, 1976, p. 197.

*Em francês no original. (N. da T.)

**Em francês no original: «Na verdade». (N. da T.)

***Em francês no original: «Não serve para uma entrada? *Friandeur* é um prato de carne fardada que se serve como entrada numa refeição. (N. da T.)

CAPÍTULO IV

239

seguidores poucas restrições. As pessoas desfrutavam os prazeres de caçar e de matar animais de qualquer maneira e comiam tantos quantos gostassem. Por vezes, grande número de animais era conduzido próximo dos caçadores para que, assim, estes pudessem desfrutar dos prazeres de matar sem excessivos esforços físicos. Para as categorias sociais mais elevadas, a excitação de caçar e matar animais tinha sido sempre, até certo ponto, o equivalente, em tempo de paz, da excitação relacionada com o matar seres humanos em tempo de guerra. As pessoas utilizavam para os mesmos fins, como coisa natural, as armas mais apropriadas que estavam à sua disposição. Desde que as armas de fogo foram inventadas, as raposas são alvejadas como qualquer outro animal.

Um olhar rápido sobre as formas anteriores de caçar mostra, numa perspectiva melhor, as peculiaridades da caça inglesa à raposa. Tratava-se de uma forma de caça em que os caçadores impunham a si mesmos e aos seus cães, um número de restrições muito específicas. Toda a organização da caça à raposa, o comportamento muito elaborado. Mas as razões para esse código, por um código limites que se impunham aos caçadores, estava longe de ser evidente. Porque é que os cães de caça eram treinados para não seguir qualquer rasto a não ser o da raposa e, tanto quanto possível, para seguirem não o rasto de qualquer raposa mas, apenas, o da primeira que descobriam? O ritual da caça à raposa exigia que os caçadores não usassem quaisquer armas. Por que razão é que matar raposas era considerado como um crime social mais grave e porque seria impróprio de um cavalheiro caçar raposas utilizando qualquer tipo de arma? Os cavalheiros caçadores de raposas matavam, por qualquer dizer, por procuração — delegando a tarefa de matar aos seus cães de caça. Porque é que o código da caça à raposa proibia que as pessoas matassem o animal caçado? Nas formas iniciais de caça, quando as pessoas desempenhavam o papel principal, os cães tinham um papel secundário. Porque é que na caça à raposa, em Inglaterra, o papel principal era deixado aos cães de caça, enquanto os seres humanos se limitavam ao papel secundário de acompanhantes e observadores ou, talvez, controladores dos cães?

Em consequência desta delegação dos principais papéis da caça e da consequente necessidade de os caçadores se identificarem a si próprios, até certo ponto, com os cães de caça — como se tivessem

projectado uma parte de si mesmos e delegassem o sangue e a morte, em vez de os provocarem eles próprios —, muitos caçadores estavam ligados aos seus cães por uma afeição que, com frequência, era mútua. Eles conheciam os seus animais, um a um, pelo seu nome. Estabeleciam e discutiam as suas qualidades individuais e comparavam-nos uns aos outros. Admiravam as suas proezas, a sua ferocidade e coragem, e estimulavam as suas rivalidades.

«Deviam», escreveu Beckford, «amar e ter medo do caçador. Deviam temê-lo muito e, no entanto, deviam amá-lo ainda mais. Sem dúvida que os cães de caça faziam mais pelo caçador se o amassem mais.»¹³ Uma relação íntima e pessoal entre os caçadores e os cães de caça, incluindo um grau de projecção dos sentimentos do caçador, constituiu um aspecto integral da configuração de base da caça à raposa.

Repara no Galloper, como ele os conheci! É difícil distinguir qual é o primeiro, correm com tanto estílo; até agora ele é o melhor cão de caça; a boa qualidade do seu nariz não é menos excelente do que a sua velocidade. Como segue o rasto!

...Ali — agora — agora, está de novo à frente!¹⁴

E o fim:

Agora Reynard, vê por ti mesmo — como todos agitam tanto as suas línguas! O pequeno Dreadnought, como procede — tão próximo que Vengau a perseguir! Ela pressiona de forma tão terrível! Estão quase a acabar com ele! Deus, que desgraça fazem; todo o bosque ressoa! Esta partida foi muito curta! Ali — agora! — aye, agora eles agarraram-na! Whoo-hoop!¹⁵

Com a delegação feita aos cães, pelos seres humanos, da maior parte da perseguição, e também da função de matar, e com a submissão dos cavalheiros caçadores a um código elaborado, auto-imposto de restrições, um aspecto do prazer de caçar tornara-se visual, o prazer resultante da acção transformou-se no prazer de ver agir. A orientação das mudanças na maneira de caçar, que cada um

¹³*Ibid.*, p. 239.

¹⁴*Ibid.*, 166.

¹⁵*Ibid.*, p. 169.

pode encontrar ao comparar o ritual da caça à raposa com formas anteriores de caça, mostra com grande clareza a direcção geral de um avanço de civilização¹⁶. O aumento das restrições quanto à aplicação da força física e, em particular, sobre o acto de matar, e, como expressão dessas restrições, o deslocamento do prazer experimentado em praticar a violência para o prazer de ver a violência cumprir-se, podem ser observados como sintomas de um impulso de civilização em muitas outras esferas da actividade humana. Como foi demonstrado, todos estão relacionados com movimentos no sentido da maior pacificação de um país, em ligação com o crescimento ou com a crescente eficácia da monopolização da força física por representantes das instituições centrais de um país. Além disso, estão relacionados com um dos aspectos mais cruciais da pacificação interna e da civilização de um país — com a exclusão do uso da violência das lutas periódicas pelo controlo destas instituições centrais, e com a correspondente formação da consciência. Pode observar-se esta crescente interiorização da proibição social contra a violência e o avanço deste limiar da reacção contra ela, em especial, contra o acto de matar, e mesmo contra a visão da morte, se considerarmos que, no seu apogeu, o ritual inglês da caça à raposa, que proibia qualquer participação humana directa na morte, representava um avanço na civilização. Era um passo em frente na reacção das pessoas contra a prática da violência, enquanto hoje, de acordo com o avanço contínuo do limiar de sensibilidade, não são poucas as pessoas que consideram, mesmo isto, representativo de um estágio anterior de civilização, detestável e que gostariam de ver abolido.

A natureza de um processo de civilização é, por vezes, mal entendida como um processo onde a restrição ou, tal como às vezes se afirma, as «repressões» impostas às pessoas aumentam e onde a capacidade destas para a excitação agradável e para destruir a vida decresce, em correspondência. Mas talvez esta impressão seja, até certo ponto, devida ao facto de as satisfações agradáveis das pessoas atraírem menos a atenção, como objecto de pesquisa científica válido e interessante, do que as regras restritivas — do que os constrangimentos sociais e os seus instrumentos, as leis, as normas

¹⁶Norbert Elias, *Civilizing Process*, Oxford, 1978, pp. 202 e seguintes.

e os valores. Uma investigação sobre o desenvolvimento dos desportos pode contribuir para restabelecer o equilíbrio. De vez em quando, podem encontrar-se na literatura breves declarações que incidem exactamente sobre a questão. Apesar de a caça ter sido, com bastante frequência, reconhecida como uma actividade substituta da guerra, também foi, por vezes, reconhecido com bastante clareza que a forma que ela assumiu em Inglaterra representava uma moderação dos seus aspectos menos civilizados. Permitir que os cães de caça matassem e confinar a sua própria actividade ao comportamento dos cães, à excitação antecipada e à observação do morte, correspondia melhor à sensibilidade de cavalheiros civilizados. Beckford escreveu:

Aqueles que estão familiarizados com os cães de caça e podem, de vez em quando, acompanhá-los, consideram-na o desporto mais interessante e têm a satisfação de pensar que eles próprios contribuiram para o êxito da jornada. Este é um prazer que se desfruta com frequência; *um prazer sem qualquer mágoa*. Não sei que efeito pode ter em você; mas sei que o meu espírito está sempre animado, depois de uma boa caçada; nem o repouso é para mim, alguma vez, desagradável. Pescar é, na minha opinião, uma diversão sem interesse. Tio, embora admita um companheiro, não permitia muitos. Ambos, contudo, podem ser considerados como divertimentos egoístas e solitários, comparados com a caça, na qual são bem-vindos tantos quantos o desejarem. Porque caçar é uma espécie de guerra, as suas incertezas, as suas fadigas, as suas dificuldades e os seus perigos fazem dela a mais interessante de todas as diversões¹⁷.

Este trecho esclarecedor sublinha, de várias maneiras, o fulcro do problema. Desde o tempo de Beckford, o processo de civilização e para além do grau sugerido por este autor e do sector da direcção dominante, o sector do modelo estabelecido. Este grupo deixou de ser a área social dominante, a consciência e as correspondentes sensibilidades evoluíram para uma forma que tornava desagradável o facto de matar a raposa com as suas próprias mãos, hoje tornaram-se mais poderoso-

¹⁷ Beckford, *Thoughts on Hunting and Foxhunting*, p. 199 e seguintes. Itálico do original.

os e activos determinados sectores da população cujas sensibilidades e identificação com o animal caçado são tão fortes que a caça e a morte das raposas para a satisfação do prazer humano passa a ser completamente desagradável.

No tempo de Beckford, a pacificação interna — a estabilidade e a eficácia da protecção que as actividades centrais da sociedade e todos os géneros —, em conjunto com as correspondentes restrições sobre os indivíduos, externas e internas, não tinham avançado tanto como hoje. Mas, comparada com formas anteriores de caça e de passatempos em geral, a direcção da mudança no comportamento e na sensibilidade era a mesma. Matar e exercer violência em geral, mesmo que se tratasse de violência física em relação a animais, foram proibidos de forma mais elaborada por tabus e restrições. Nada é mais característico de um dos problemas centrais da tendência de civilização do que a afirmação de que a forma de violência indirecta, o acto de matar por procuração, o facto de se poder, por vezes, presenciar os cães a fazer aquilo que já não se desejava ser o próprio a fazer, tornava possível fruir «um prazer sem qualquer mágoa».

Aquilo que Beckford observou era, de facto, um dos aspectos centrais do desporto e, em particular, do jogo-desporto. Todos eles são configurações dinâmicas de pessoas e, às vezes, também de animais, que lhes permitem participar num confronto de forma directa ou indirectamente, envolvendo-as por completo (como se costumava dizer de «corpo e alma»), de tal maneira que podiam usufruir o excitação da luta sem qualquer arrependimento — sem má consciência.

O desporto é, de facto, uma das maiores invenções sociais que os seres humanos realizaram sem o planejar. Oferece às pessoas a excitação libertadora de uma disputa que envolve esforço físico e destreza, enquanto reduz ao mínimo a ocasião de alguém ficar, no seu decurso, seriamente ferido.

No século XVIII o limiar de reacção contra o acto de ferir outros, directa ou indirectamente, em ligação com o agradável prazer que obtinham a partir da batalha mimética de uma prova de desporto, não tinha ido tão longe e situava-se, em muitos casos, a um nível inferior ao que se atingiu em várias sociedades-Estado hoje. Mas a direcção da mudança no comportamento e sensibili-

dade que aí se pode observar era a mesma que se pode surpreender em tempos mais recentes.

Um dos problemas cruciais com que se confrontavam as sociedades, no decurso do processo de civilização, era — e continua a ser — o de encontrar um novo equilíbrio entre o prazer e a restrição. A progressiva limitação de controlos reguladores sobre o comportamento das pessoas e a formação da correspondente consciência, a interiorização das regras que regulam de forma mais elaborada todas as esferas da vida, garantem às pessoas, nas suas relações entre si, maior segurança e estabilidade, mas implicaram também uma perda das satisfações agradáveis que se associavam a formas de comportamento mais simples e espontâneas. O desporto era uma das soluções para este problema. As inúmeras pessoas que contríbuiam de forma anónima para o desenvolvimento dos desportos podem não ter tido consciência do problema com que se debruçavam, nos termos em que ele se apresenta, em retrospectiva, à reflexão dos sociólogos actuais, mas algumas delas estavam bem deparadas na relação imediata com os seus próprios passatempos limitados. A configuração da caça à raposa — da caça transformada em desporto — mostra algumas das vias pelas quais as pessoas ainda conseguiam obter prazer numa perseguição que envolvia violência física e morte, num estádio em que, na sociedade em geral, mesmo as pessoas abastadas e poderosas se tornaram cada vez mais limitadas na sua capacidade de usar a força sem a autorização da lei, e na qual a sua consciência se tornou mais sensível a respeito do uso da força bruta e do acto de derramar sangue.

Como é que isso se realizou? Como pode alguém orientar-se para o seu prazer sem má consciência, apesar do facto de a consciência, forjada em sociedade, se ter tornado mais forte, quase total e, embora ainda menos sensível a respeito da violência do que aquilo que é a tendência nas sociedades industriais de hoje, de longe mais sensível do que havia sido em tempos anteriores? O problema era menos difícil de resolver quando se impunha a violência a animais em vez de ser aos seres humanos. Era deveras surpreendente que o limiar de sensibilidade no despertar de uma tendência de civilização tenha avançado tanto até incluir animais. A limitação de formas de controlo social externas, tal como foram expressas em leis formais e em regulamentos, abrangiam apenas seres humanos. O facto

de a sensibilidade a respeito de toda a violência ter chegado a afectar animais era característico da irradiação do sentimento para além do alvo, o que é uma componente geral da formação da consciência. O avanço neste estádio fora suficiente para que se alcançasse, indirectamente, enquanto observador participante, o prazer da morte do animal caçado, mais do que sucederia, de forma directa, como no caso em que o agente é o responsável pela execução.

Mas se estudarmos, de forma mais profunda, a configuração da caça à raposa, e se a compararmos com formas anteriores de caça, depressa se nota uma deslocação bastante característica na ênfase colocada a respeito das actividades que dão prazer. Nas maneiras de caçar do passado, as principais fontes de prazer situavam-se na morte e subsequente ingestão do animal caçado. A circunstância de ter desaparecido o prazer de comer, enquanto motivo para caçar, e de se ter atenuado o prazer de matar, ainda que de forma insignificante, foi característico do estilo inglês de caça à raposa. Era um prazer por procuração. A morte era executada pelos cães de caça e o prazer da própria perseguição tinha-se tornado, por assim dizer, a principal fonte de divertimento e o aspecto fundamental do exercício. A morte final da raposa — o triunfo da vitória — continuava a ser, ainda, o clímax da caça. Mas, em si próprio, já não era a principal fonte de prazer. Essa função havia sido deslocada para a caça do animal, para a perseguição. Aquilo que, nas formas de caça mais simples e espontâneas, tinha sido o adiantamento do prazer fruído em antecipação no que dizia respeito à morte e ao comer adquirira um significado muito maior do que antes se conhecia. Face a todos os outros fins da caça, a tensão da própria batalha simulada e o prazer que proporcionava aos participantes humanos tinham atingido um elevado grau de autonomia. Matar raposas era fácil. Todas as regras da caça foram elaboradas para a tornar menos fácil, a fim de prolongar a prova, para adiar a vitória por algum tempo — não porque se sentia ser imoral ou injusto matar raposas tão claramente, mas porque a excitação da própria caça se transformara, cada vez mais, na principal fonte de prazer dos seres humanos participantes. Disparar sobre as raposas era estritamente proibido; nos círculos onde esta forma de caça teve origem, entre a aristocracia e a pequena nobreza, isso era considerado como um comportamento incorrecto e imperdoável, e os rendeiros tinham de seguir, quer quisessem quer não, as regras

dos seus superiores, ainda que as raposas roubassem as suas galinhas e os seus patos. Disparar sobre as raposas era um pecado porque isso privava os cavalheiros da tensão-excitação da caça; isso destruiu o seu desporto.

Aquilo que antes fora um antepazer, preparatório do prazer principal de matar e de comer o animal caçado, tinha sido transformado agora na parte principal do prazer, a culminar e a terminar na morte do animal, ao mesmo tempo que o próprio animal já não representava qualquer papel nos subsequentes jantar e bebida excepto como tema de conversa. O século XVIII foi profundamente afectado por esta deslocação peculiar do prazer das pessoas nos seus passatempos; representou uma profunda transformação sublimatada do sentir. Na Idade Média, o termo «desporto» tinha um sentido muito menos específico. Durante o século XVIII, tornou-se um termo mais vincadamente especializado, transformou-se num *terminus technicus* para um tipo específico de passatempos que se desenvolveram na época entre cavalheiros proprietários de terras e aristocratas, e de que a forma bastante idiossincrática da caça à raposa, que se desenvolveu nestes círculos, era uma das mais produtivas. Talvez a sua característica principal fosse a tensão-excitante de um combate simulado que envolvia esforço físico e o divertimento que este oferecia aos seres humanos como participantes ou espectadores.

Os grupos de caça à raposa, tanto quanto se pode ver, não desconheciam totalmente a autonomia específica do seu «desporto» — o relativo distanciamento das alegrias do combate simulado em relação a qualquer outro objectivo ou função social. Expressões como «a raposa proporcionou-nos um bom desporto» ou «o nosso desporto depende inteiramente desse sentido requintado de farejar, tão peculiar aos cães de caça» mostram com muita clareza que o desporto estava profundamente associado, nesse tempo, à tensão do combate simulado enquanto tal e ao prazer daí resultante.¹⁸

Nem os perseguidores da caça à raposa desconheciam totalmente que a agradável tensão-excitação, que era a essência do «bom desporto», só podia esperar-se da caça à raposa na medida em que a sua configuração de base garantisse um equilíbrio de tensão

¹⁸*Ibid.*, p. 38.

CAPÍTULO IV

247

moderadamente instável, um equilíbrio provisório de poder entre os contendores. De acordo com um manual de desportos:

A nobre ciência, como a caça à raposa é chamada pelos seus entusiastas, está autorizada, por consentimento geral, a ser considerada a perfeição da caça. O animal caçado é suficientemente rápido para se alcançar o objectivo, e também está munido de todas as espécies de expedientes para confundir os seus perseguidores. Deixa um bom rasto, é muito resistente e encontra-se em grande abundância, assegurando uma oportunidade razoável de prática do desporto.¹⁹

A caça inglesa à raposa é aqui utilizada como um modelo empírico, de forma a demonstrar algumas das características distintas do tipo de passatempo que é chamado «desporto». Isso pode ajudar a compreender melhor certas características estruturais do desporto como uma fonte de agradável tensão-excitação, que mais tarde foi explicada, muitas vezes, apenas em termos utilitários. Os grupos de caça à raposa já haviam desenvolvido um *ethos* específico, o qual é uma das características de todos os desportos. Mas, neste estádio, o *ethos* dos desportos não era o género de *ethos* das classes médias operárias ao qual se aplicam termos como «moral» ou «moralidade». Era o *ethos* de classes de lazer abastadas, sofisticadas e comparativamente restritas, que tinham transformado em valor a tensão e a excitação dos confrontos simulados, entretanto regulamentados para se constituírem como a parte principal do seu prazer. As regras da caça à raposa, designadas e observadas por cavalheiros e rigorosamente impostas contra os transgressores, garantiam que a caça lhes daria o essencial do bom «desporto», uma quantidade suficiente de agradável tensão e excitação, combate. Garantiam que as condições para a agradável tensão-excitação que se desejava e necessitava podiam ser introduzidas com maior regularidade pela dinâmica de uma configuração onde os cavaleiros-caçadores, cães de caça e raposa estavam ligados.

Hoje pode explicar-se o relativo equilíbrio de oportunidades, para ambos os lados, por referência à «justiça» de uma tal disposição. Mas, neste caso, os aspectos «moralis» estão em condições de dissimular os aspectos sociológicos, a estrutura ou

¹⁹Stonchenge, *Manual of Sports*, Londres, 1856, p. 109.

a função de semelhante disposição. Sem uma configuração que fosse capaz de manter, por um determinado período, um equilíbrio moderadamente instável de oportunidades para os competidores, não se poderia esperar ter «bom desporto»; sem uma disposição «justa», o prazer e a excitação fornecidos pela tensão do confronto, que era a principal função do desporto, teria sido demasiado breve e não poderia acontecer com um elevado grau de regularidade. Desta maneira, a caça à raposa demonstrou já, no essencial, que as pessoas tinham aprendido uma técnica específica de se organizarem, a qual é usada no desporto de todos os tipos — uma técnica para manter, por algum tempo, no quadro de uma dada configuração de participantes, um equilíbrio de forças em tensão, com elevada oportunidade de catarse, de libertação da tensão, no final.

Outro dos problemas habituais do desporto em geral que se depara aos desportistas, desde muito cedo, em ligação com a caça à raposa, foi o de descobrir o equilíbrio apropriado entre o grau de tensão-excitação dos próprios confrontos e as oportunidades para o prazer relativamente breve da catarse, do climax e da libertação da tensão. O problema da ênfase num ou noutra destes dois pólos, ginou a controvérsias entre as pessoas que davam maior importância à própria caça e as que atribuíam maior realce à morte da raposa — entre os defensores do «bom desporto» e os defensores de «alcançar vitórias». A persistência com que este tipo de discussões ocorreu em diversos desportos, em tempos diferentes, é um indicador da persistência da estrutura básica do desporto. Como já afirmámos, a configuração dinâmica de um desporto deve ser equilibrada de maneira a impedir, por um lado, a frequente repetição de vitórias precipitadas e, por outro, a frequente repetição de empates. A primeira interrompe a agradável excitação; não lhe oferece tempo suficiente para alcançar um prazer ótimo, provocando do desinteresse, a ausência de qualquer climax e impedindo a libertação «catártica» da tensão subsequente. Enquanto a configuração básica de um desporto garantir um equilíbrio justo entre estas duas possibilidades, os desportistas podem fazer a sua opção colocando mais peso num lado ou no outro.

A respeito da caça à raposa, Beckford discutiu este problema ainda no final do século XVIII. Ele próprio sublinhava a importância do climax, da morte da raposa. Mas isso não significava que

apreciasse o prazer e a excitação da morte, independentemente do prazer e da excitação da caça que a precedia. Ao explicar por que motivo recomendava que se devia partir com a matilha, de manhã cedo, em particular se os cães estivessem «esgotados de sangue», escreveu:

A manhã é a parte do dia que permite o melhor rasto; e o próprio animal, que, nesse caso, está mais desejoso de matar (os cães de caça estando esgotados de sangue), tem menos oportunidades de se afastar para longe. O desejo de descanso e, talvez, uma total voracidade dão ao cão de caça uma vantagem superior... Espero, meu amigo, que irá replicar a isto «que um caçador de raposas, então, não é um *desportista justo* — certamente que não é; e mais, seria bastante lamentável ser confundido com um. Por princípio, ele é diferente. Na sua opinião, um desportista justo e um desportista louco são sinónimos; ele, no entanto, recita toda a vantagem que lhe é possível. Pensará, talvez, que pode destruir, por isto, o seu próprio desporto? É verdade, algumas vezes acontece, mas... dado que toda a arte da caça à raposa consiste em manter os cães bem quanto a sangue, o desporto é mais uma consideração secundária a par do «caçador de raposas»; primeiro, é a morte da raposa; a partir dessa altura, desperta a avidez da perseguição confesso que considero o sangue não necessário como uma matilha de caça à raposa, isto a respeito de mim próprio, porque sempre regresssei a casa mais satisfeito com uma perseguição, não obstante indiferente, com morte no final dela do que com a melhor perseguição, se esta termina com a perda da raposa. Boas perseguições, falando de um modo geral, são longas perseguições e, se não forem acompanhadas com êxito, nunca deixam de fazer mais mal do que bem aos cães de caça. Acredito que os nossos prazeres, na maior parte dos casos, são mais acentuados durante a expectativa do que na satisfação; neste caso, a própria realidade fundamenta a ideia, e o seu sucesso actual é quase um certo mensageiro antecipado de um futuro desporto»²⁰.

No decurso de um processo de civilização, um dos limites que aos indivíduos se deparavam, quando confrontados pela necessidade

²⁰Beckford, *Thoughts on Hare and Foxhunting*, p. 173 (título acrescentado). Aquilo que Beckford dizia, por outras palavras, era que, se os cães fossem treinados para matar e gostar de matar, eles proporcionariam um bom divertimento no futuro. Como se pode ver, desajava destacar o facto de que o prazer da excitação do confronto e o prazer do climax são interdependentes.

de um novo equilíbrio entre prazer e restrição, era uma capacidade maior para fruírem a alargada excitação da luta e da tensão que conduzia ao *climax*, em comparação com o breve prazer do *climax* e da correspondente libertação da própria tensão. A afirmação «os nossos prazeres... na maior parte dos casos, são maiores durante a expectativa do que na satisfação», embora não seja necessariamente correcta enquanto diagnóstico, assinala claramente a tendência do valor da tensão-satisfação face à consumação-prazer, que é indicada no desenvolvimento de passatempos como a caça, sendo isto, de um modo geral, característico de uma tendência civilizadora. O termo «desporto» tornou-se, como vimos, o termo técnico associado ao que tinha sido, de início, a parte preparatória da caça ou jogo, juntamente com o prazer da antecipação que se espera dela. Dizer que a raposa «nos proporciona bom desporto» era uma expressão que se referia, ao mesmo tempo, às próprias dinâmicas configuracionais e ao grau de excitação agradável que elas proporcionam; a expressão referia-se à prova entre a raposa, os cães de caça e o caçador, bem como à satisfação que concedia ao último. Beckford podia continuar a dizer, sem sentir vergonha, o que a maioria das pessoas teria por certo afirmado naturalmente, em séculos passados, e aquilo que cada vez menos pessoas gostariam de dizer depois — ou seja, que a primeira coisa que o caçador de raposas desejava era matar a raposa, sendo o desporto uma questão secundária.

Além disso, como o valor da tensão elevada e da tensão-satisfação foi accentuado em termos comparativos com o breve acto final — com a morte e os seus prazeres —, o próprio prazer tornou-se mais variado. Tornou-se, de facto, um prazer composto. A configuração básica da caça à raposa, como aquela de muitas outras formas de desporto, era tão harmoniosa que a excitação e o prazer resultantes permaneciam não só numa mas em várias provas que se desenrolavam ao mesmo tempo. Como de costume, a primeira prova era a que ocorria entre o caçador e o caçado. Mas, no caso da caça à raposa, a configuração era constituída não só por um mas por três tipos de participantes: seres humanos, matilha de cães e raposa. A luta entre os cães e a raposa era a primeira prova, e a tensão, a excitação que ela originava, dominava todas as outras. Mas ligada de forma profunda a esta prova estava a segunda, a prova entre os cães de caça. Os caçadores seguiam e vigiavam os cães de modo ávido. Os mais bravos e rápidos, com os melhores narizes e que se

mantinham próximo da raposa, ampliavam o orgulho do dono e proprietário. Eram admirados e atagados, pagavam-se preços elevados pela sua descendência. E, finalmente, outra prova secundária inerente à configuração era aquela que decorria entre os próprios caçadores. A questão era a seguinte: quem conseguia permanecer mais próximo da matilha? Quem seguira por atalhos, mesmo que fossem perigosos? Quem vacilara perante as vedações, os cursos de água ou outros obstáculos? Quem estava presente no momento da morte?

A excitação evocada pela prova entre as raposas e os cães de caça era bastante accentuada pelo confronto que se desenrolava entre os caçadores. No século XVIII e nos inícios do século XIX, a caça à raposa era, com frequência, consideravelmente mais exigente e brutal do que é hoje. Era um teste de coragem, vigor e destreza para os cavalheiros e, certas vezes, para as senhoras. Era habitual, riscavam-se, embora soubessem que podiam ter de pagar, pelo prazer da excitação, com uma queda, com ferimentos ou até mesmo com as suas vidas. A caça inglesa à raposa foi aperfeiçoada por nobres e cavalheiros num período em que a rivalidade de estatuto integral do seu quadro social era resolvida, cada vez mais, não por meio de duelos e outras formas de combate físico directo — embora estes ainda fossem bastante assíduos entre os sectores mais jovens — mas sim por meio de outras armas, como, por exemplo, a realização de despesas exageradas e de proezas notáveis. A caça à raposa proporcionava oportunidades para as duas. Para muitos dos seus aderentes, as suas convenções assumiam o carácter de um ritual, quase de um culto.

O século XIX em Inglaterra foi um período — e não só em Inglaterra — em que a pacificação e a sujeição das classes prioritárias de terras, e, ao mesmo tempo, o refinamento das suas maneiras, progrediu de forma assinalável. A ameaça de guerra civil tinha diminuído. As recordações dos conflitos internos do século precedente não se tinham ainda esbatido²¹. Como é tão frequente,

²¹Um *Thoughts on Hare and Foxhunting*, Beckford sublinha as vantagens de um desporto pacífico no campo, tal como a caça à raposa, através de uma citação de um poema: «Nenhum senado ferozmente desordenado é uma ameaça aqui. Nenhum machado ou cadafalso se vê. Nenhuma inveja, desilusão e desespero.»

na sequência de um conflito civil, muitas pessoas recebavam a sua repetição. Estavam cansadas de violência entre seres humanos. Com uma frequência superior à que se verifica num período em que não existem desavenças internas, um grupo particular emerge como o mais forte. Mas, em Inglaterra, não foi esse o caso. A monopolização progressiva da força física, de que a pacificação interna de um país dependia por toda a parte, em particular, a pacificação dos seus grupos dirigentes, seguiu, neste país, um rumo diferente ao que se verificou na maioria dos outros Estados da Europa. A administração e a utilização do duplo monopólio institucionalizado da força física e da tributação, de que dependia, entre outras coisas, a eficácia dos processos legais no país, não se tinham transformado em monopólio permanente de um dos vários grupos em competição. Por certo, não se haviam transformado, como sucedeu em França e noutros Estados autocráticos, no monopólio do rei e da corte. Em Inglaterra, o que resultou do período mais violento de conflitos sociais, foi um equilíbrio de tensão moderadamente instável, entre vários grupos dirigentes em competição, dos quais nenhum desejava, ou parecia ser suficientemente poderoso para intimidar as forças conjugadas dos outros por meio de um teste directo de força física. Em vez disso, desenvolveu-se, de modo gradual, um acordo tácito entre os grupos rivais na sociedade em geral. Estes concordaram num conjunto de regras segundo o qual podiam fazer rotações na constituição de governos e na administração ou utilização dos instrumentos centrais de todas as funções de governo — o monopólio da força física e do lançamento de impostos. Certamente, a elaboração destas regras não aconteceu de uma dia para o outro. Verificaram-se lutas esporádicas e choques entre os que seguiam os diferentes grupos até, pelo menos, meados do século XVIII, mas, de um modo progressivo, afastou-se o medo de que um dos grupos rivais e seus adeptos agredissem fisicamente ou aniquilassem os outros. O acordo de não lutar por meio da violência por cargos governamentais e pelos seus poderosos recursos, mas apenas de acordo com regras estabelecidas por mútuo consentimento, por meio de palavras, votos e dinheiro, começou a meter cada vez mais apoio. Vale a pena sublinhar que esta concordância inte-grava, também, um equilíbrio de tensão moderadamente instável entre vários grupos. Na transição para uma harmonização tão complicada, constituiu um papel importante o facto de nenhuma das

partes rivais, nem mesmo o rei, ter à sua disposição o controlo limitado de um exército permanente.

Levou tempo a resolver o problema central que tinha sido sempre, e que continua a ser, o obstáculo principal na transição de um período de violência entre diversos grupos de interesses para um regime integrando meios institucionais não violentos para resolver conflitos. O problema é sempre o mesmo; ou seja, como ultrapassar o medo recíproco e a suspeita de que os adversários, logo que tenham alcançado o controlo dos cargos governamentais e os poderosos recursos conferidos aos mesmos, possam deixar de realizar o jogo segundo as regras estabelecidas por mútuo consentimento, tentem continuar no poder indiferentes a estas regras e usem os poderosos recursos do governo para enfraquecer ou aniquilar os seus adversários. Como e porque é que os grupos sociais rivais, que tinham utilizado ou trocado ameaças com violência física nas suas lutas pelo poder, deixaram de o fazer, em geral, na primeira metade do século XVIII, como e por que razões um regime parlamentar, que integrava mudanças no governo por meios não violentos e segundo as regras estabelecidas por mútuo acordo, começou então a funcionar com considerável regularidade e quase sem regressões é um problema que não tem necessidade de ser explorado neste contexto. Mas não se pode deixar de assinalar, de modo nenhum, o facto em si mesmo. É relevante sublinhar a forma peculiar que permitiu o acesso aos cargos governamentais e o controlo dos seus principais recursos de poder — os monopólios da força física e do lançamento de impostos assumidos em Inglaterra neste período. É costume a referência a esta forma de governo como «pluralismo» ou «governo parlamentar», mas estas palavras tão rotineiras podem ocultar, facilmente, o problema central que tem de ser resolvido para que semelhante regime possa funcionar. Este é o problema da transição não violenta de um governo para outro segundo determinadas regras. Como se pode induzir os membros de um governo a abandonar os muito consideráveis recursos do poder que os cargos governamentais colocam à sua disposição, tal como se torna necessário de acordo com as regras estabelecidas por mútuo consentimento? Como pode alguém ter a certeza de que eles vão obedecer às regras, considerando o poder militar e financeiro muito superior, em termos proporcionais, que podem comandar enquanto controladores dos monopólios centrais do Estado?

O desenvolvimento e o funcionamento relativamente regular de um regime parlamentar multipolar em Inglaterra durante o século XVIII, depois de um período de conflito civil amargo e de discórdias, resolveu este problema. O estabelecimento gradual de um regime parlamentar representou um avanço pacificador muito pronunciado. Exigiu o mais elevado nível de restrição, o qual é necessário se todos os agrupamentos envolvidos renunciarem, com firmeza, a utilizar a violência mesmo que as regras de mútuo acordo exijam que o adversário de alguém possa ocupar um cargo público e usufruir dos seus benefícios e dos seus recursos do poder. É difícil considerar como um mero acidente o facto de os passatempos relativamente mais violentos e menos regulamentados das classes proprietárias de terras se terem transformado em passatempos relativamente menos violentos e mais minuciosamente regulamentados, que deram à expressão «desporto» o seu sentido moderno, no mesmo período em que essas classes sociais renunciaram à violência e aprenderam a forma de autodomínio mais elevada exigida pela via de controlo parlamentar e, em especial, pela mudança de governos. De facto, os próprios confrontos parlamentares não eram inteiramente desprovidos das características de um desporto; nem estas disputas parlamentares, em grande medida verbais e não violentas, eram desprovidas de oportunidades para a tensão-excitação agradável. Por outras palavras, existiam afinidades óbvias entre o desenvolvimento e a estrutura do regime político de Inglaterra no século XVIII e a desportivização, no mesmo período, dos passatempos das classes inglesas elevadas.

Tal como a transformação do parlamento, desde o final do século XVII e início do século XVIII em diante, estes passatempos específicos que era característico das mudanças globais que ocorriam, em geral, na estrutura do país. Era um problema que ocorria sentir cada vez mais à medida que a pacificação progredia, que se fazia pressão para o autodomínio, em particular nas classes proprietárias de terras, a mais poderosa sob o ponto de vista político em Inglaterra, aumentava e em que o aparelho social para a prevenção de violência não autorizada, aparelho controlado em grande parte por membros destas mesmas classes, se tornava um pouco menos eficaz. Sem o aumento de segurança proporcionado nesta direcção, sem avanços na pacificação interna, crescimento económico e

comercialização crescente, dificilmente se podia ir mais longe. A pacificação e a comercialização entre eles contribuiu e exigiu maior regularidade na conduta pessoal, e não só nos seus assuntos profissionais. Esta tendência no sentido de uma maior regularidade na conduta da vida não era somente sustentada por formas de controlo externas mas, também, por autodomínios socialmente determinados²². No século XVII, com a excepção talvez da comunidade das nações britânicas de Cromwell, a cultura, os ideais e os padrões de comportamento dos cortesãos e dos cidadãos, apesar de alguns ramos cruzados, constituíam ainda, de modo visível, sectores separados.

Com algum exagero, pode afirmar-se que as maneiras sem moral se situavam-se de um lado e a moral sem maneiras do outro. No início do século XVIII, as duas tradições começaram a aproximar-se mais entre si. A tentativa feita por Addison e Steele para reconciliar moral e maneiras era apenas uma manifestação de uma tendência mais alargada. Não só os cidadãos, mas também as classes proprietárias de terras, a aristocracia e a pequena nobreza, foram afectados pelas pressões que as restrições, quanto ao uso da força física e à influência para uma maior regularidade na conduta da vida, impunham aos indivíduos num país politicamente mais estável e de rápido desenvolvimento comercial.

Contudo, com a tendência para maior regularidade, a vida orientava-se no sentido da monotonia. As condições de forte excitação individual, em particular uma excitação socialmente partilhada que podia conduzir à perda do autodomínio, tornavam-se agora mais raras e menos toleradas sob o ponto de vista social. O problema consistia em saber como habilitar as pessoas para a experiência de uma total excitação agradável, que parecia ser uma das necessidades mais elementares dos seres humanos, sem atingir riscos sociais e individuais para os outros e para si próprio, e apesar da formação de uma consciência que podia abrançar muitas formas de excitação que, em fases anteriores, foram não só fontes de elevado prazer e gratificação mas, também, de perturbações, feridas e sofrimentos.

²²Para comentários sobre o tipo específico do controlo social que se orienta para o desenvolvimento do autocontrolo, ver p. 229 e seguintes da obra de Elias, *State Formation and Civilization*.

mento humano. Numa sociedade cada vez mais regulamentada, como se podiam garantir aos seres humanos os meios suficientes de excitação agradável em experiências compartilhadas sem o risco de desordens socialmente intoleráveis e de ferimentos mútuos? Em Inglaterra, uma das soluções para este problema foi, como vimos, a emergência de passatempos sob a forma que se tornou conhecida como «desporto». A forma inglesa de caça à raposa foi apenas um exemplo, entre outros, desta transformação, mas demonstra de maneira extremamente viva um estádio prévio na solução deste problema. A mudança de ênfase, do desejo de vencer um confronto para a aspiração à vivência da agradável excitação prolongada do confronto, era a este respeito bastante significativa. Num estádio posterior encontrou a sua expressão no bem conhecido *ehos* dos desportos, de acordo com o qual não era a vitória, mas o próprio jogo, que interessava. Os caçadores de raposas ainda hoje podem ferir e matar, mesmo que seja apenas por procuração e só animais. Outras formas de desporto, como o críquete ou o futebol, mostram como o problema foi resolvido nos casos em que os participantes eram seres humanos.

CAPÍTULO V

O futebol popular na Grã-Bretanha medieval e nos inícios dos tempos modernos

Norbert Elias e Eric Dunning

Aproximadamente desde o século XIV em diante podem encontrar-se, nas fontes inglesas, referências bastante seguras a um jogo de bola chamado futebol, mas a semelhança do nome não autoriza, de modo algum, a identificação do próprio jogo¹. Tudo o que sabemos sobre a maneira como era jogado sugere um tipo de jogo muito diferente. Nas fontes inglesas medievais, a maioria das alluções ao futebol provém quer das proibições oficiais do jogo, nos edictos reais e das autoridades cívicas quer de relatos de acções na corte contra pessoas que infringiram a lei pelo facto de o praticarem apesar das proibições. Quanto ao tipo de jogo efectuado nesse tempo, sob o nome de futebol, nada pode ser mais revelador do que as constantes e, em geral, bastante infructíferas tentativas do Estado e das autoridades locais para o suprimirem. Deve ter sido um jogo violento, de acordo com o temperamento das pessoas desse período. A incapacidade dos responsáveis para a conservação da paz da nação é mais elucidativa, por revelar as oposições do Estado e das autoridades locais *vis-à-vis* cidadãos comuns e, acima de tudo, por mostrar o grau de eficácia do mecanismo social de aplicação das leis no Estado medieval em comparação com o de um Estado moderno.

¹Muitos historiadores do futebol consideram as primeiras referências ao jogo como sendo todas igualmente seguras. Pensamos que esta confiança não é inteiramente justificada e Norbert Elias fornece algumas das razões para este ceticismo, no Cap. IV deste volume. O presente capítulo foi publicado de início na obra editada por Eric Dunning, *The Sociology of a Sport: a Selection of Readings*, Londres, 1971.